



Entre Abandonos e Permanências: A Língua Ucraniana em Prudentópolis-PR na Segunda Metade do Século XX

Between Abandonment and Permanency: The Ukrainian Language in Prudentópolis-PR in the Second Half of the Twentieth Century

COSTA, Lourenço Resende da\*  
ANTUNES, Jair\*

**Resumo:** O objetivo desse artigo é discutir, a partir de fontes orais, a importância atribuída à língua ucraniana no município de Prudentópolis-PR, bem como as dificuldades em torno de sua preservação. Para os descendentes de ucranianos no Brasil, a língua está intimamente ligada à religião, uma vez que professam o catolicismo de rito oriental e utilizam o idioma ucraniano nas celebrações da liturgia. As entrevistas foram feitas com pessoas residentes em uma comunidade da zona rural, Linha Ligação, que fica a aproximadamente 60 quilômetros da área urbana do município. A partir das entrevistas foi possível tecer algumas considerações acerca do papel da escola e da Igreja Ucraniana no trabalho de manutenção da cultura e das tradições dos descendentes de ucranianos.

**Palavras-chaves:** Prudentópolis-Pr; Língua ucraniana; Identidade.

---

\* Graduado e mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, Irati-PR, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba-PR. Professor de História pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED. Bolsista CAPES. E-mail: resendedacosta@gmail.com.

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas-SP, cursa Bacharelado em Direito na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Ponta Grossa-PR. Professor de Filosofia, História e História do Direito, na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. E-mail: jair1903@gmail.com.

Recebido em: 05/03/2019  
Aprovado em: 07/05/2019

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss, from oral sources, the importance attributed to the Ukrainian language in the municipality of Prudentópolis-PR, as well as the difficulties surrounding its preservation. For the descendants of Ukrainians in Brazil, the language is closely linked to religion, since they profess Eastern rite Catholicism and use the Ukrainian language in the celebrations of the liturgy. The interviews were conducted with people living in a rural community, Linha Ligação, which is approximately 60 kilometers from the urban area of the municipality. From the interviews it was possible to make some considerations about the role of the school and the Ukrainian Church in the work of maintaining the culture and traditions of the descendants of Ukrainians.

**Keywords:** Prudentópolis-Pr; Ukrainian Language; Identity.

Embora o recorte temporal do artigo privilegie a segunda metade do século XX, entendemos necessário situar o leitor no que diz respeito ao processo de chegada dos imigrantes ucranianos. Por isso o texto recua ao século XIX. Além disso, a análise ultrapassa o século XX e chega ao presente. Tal situação se deve, em grande medida, à utilização da História Oral. Por mais que nas entrevistas se buscasse um entendimento do passado, as pessoas rememoram a partir do presente.

A colônia Prudentópolis foi criada em 1895 e, já no ano seguinte, passou a receber levas numerosas de imigrantes do leste europeu (GUÉRIOS, 2007). Portanto, na última década do século XIX a região, que fazia parte do município de Guarapuava - PR, começou a receber seus primeiros imigrantes eslavos: ucranianos e poloneses, estes últimos em menor número. De acordo com Paulo Renato Guérios (2007, p. 117), entre 1896 e março de 1897 mais de 5000 ucranianos chegaram à recém-criada colônia. Em 1906 Prudentópolis se emancipou de Guarapuava pela Lei Estadual nº 615 de 05 de março de 1906 (SKAVRONSKI, 2015, p. 38).

Os ucranianos que foram trazidos para Prudentópolis eram basicamente camponeses, originários, sobretudo, da Galícia, região dominada no século XIX, principalmente pelo Império Austro-Húngaro; no Paraná passaram a desenvolver, na medida do possível, atividades agrícolas tal qual faziam na Europa. Em razão do número expressivo de ucranianos instalados em intervalo curto de tempo e em áreas contíguas da mesma colônia, formou-se no atual município uma “comunidade ucraniana”: “O grupo de imigrantes, ali estabelecidos, era majoritariamente formado por pessoas que trabalhavam na agricultura (...). Esse grupo foi responsável pela formação de núcleos coesos” (HAURESKO, 2015, p.14).

A distribuição dos lotes da colônia foi realizada visando a instalação do maior número de pessoas possível, haja vista que uma das intenções era a povoação dos territórios paranaenses considerados, para o governo da Província, “vazios”.

Aproximadamente 1700 terrenos (entre 10 e 25 hectares cada um) receberam um grande contingente de ucranianos (HAURESKO, 2015, p. 14). É preciso ressaltar que o Estado brasileiro desconsiderava as populações ameríndias quando dizia que havia um vazio demográfico no Paraná que precisava ser preenchido.

Como uma das metas do governo paranaense era o aumento da densidade demográfica, o modelo de pequenas propriedades prevaleceu nas colônias criadas no Paraná no final do século XIX e no início do século XX. Os imigrantes ucranianos alojados em Prudentópolis, e seus descendentes posteriormente, continuaram as atividades na área rural ao longo do século XX, o que resultou em uma economia agrária. A população urbana cresceu lentamente e apenas no início do século XXI é que há um equilíbrio maior entre campo e cidade no que diz respeito ao número de habitantes<sup>1</sup>.

**Tabela 1.** População rural e urbana de Prudentópolis.

Ano	População Urbana	População rural	População total
1940	2.076 (9%)	20.694 (91%)	22.760 (100%)
1982	8.472 (21,5%)	22.498 (78,5%)	30.970 (100%)
2000	18.276 (39,5%)	28.070 (60,5%)	46.436 (100%)
2010	22.463 (46,1%)	26.329 (53,9%)	48.792 (100%)

Fonte: Adaptado (GUÉRIOS, 2007, p. 233) e (COSTA, 2013, p. 55)

Nesse contexto rural, em que há um número significativo de descendentes de ucranianos, a língua obteve condições de atravessar o século XX e continuar sendo usada por pessoas de diferentes gerações. Mas, evidentemente, ao longo de mais de cem anos houve mudanças que, se por um lado garantiram a permanência, por outro, demonstram abandono da língua ucraniana pelos jovens.

Nesse artigo o objetivo é analisar algumas questões a respeito da relevância da língua ucraniana para os descendentes dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis em contraste com as dificuldades em torno da sua manutenção. Dentro do recorte espacial, no município de Prudentópolis, fazemos uma delimitação, pois as pessoas entrevistadas moram na comunidade rural de Linha Ligação. Na comunidade localiza-se o Colégio Estadual do Campo Imaculada Conceição, o único estabelecimento escolar do Estado do Paraná em que figura, na grade curricular, a disciplina de Língua Ucraniana. Linha

<sup>1</sup> A vinda de imigrantes para o Paraná estava orientada por uma política tanto da província criada em 1853 como do governo Imperial. Os objetivos, entre outros, era garantir a posse do território, aumentar a densidade demográfica e produzir alimentos. Após sucesso na década de 1870, com as colônias próximas aos centros urbanos maiores no final do século XIX, foram feitos esforços para a instalação de colônias em regiões mais distantes. Foi nesse contexto que os ucranianos chegaram ao Brasil e foram dirigidos à região paranaense onde se localiza Prudentópolis e outros municípios com presença ucraniana significativa. A esse respeito ver o trabalho de Sérgio Odilon Nadalin (2001) *Paraná: ocupação do território, população e migrações*.

Ligação está a cerca de 60 quilômetros da área urbana, sendo que a maior parte do trajeto é composta por estradas sem pavimentação asfáltica. A região norte, onde está situada a referida linha, é limítrofe com os municípios paranaenses de Turvo e Cândido de Abreu.

O número de imigrantes, por si só, não é uma garantia para o sucesso da permanência da língua do grupo, mas é um fator a ser considerado na conjugação com demais fatores. Lembrando que a questão numérica dos ucranianos em Prudentópolis é relevante em termos de município, pois quando se considera um quadro geral da imigração no Brasil se percebe que o total de imigrantes ucranianos é bem inferior ao de outros grupos.

A alocação em núcleos na zona rural possibilitou a endogamia, pois o “mercado matrimonial” era restrito (ANDREAZZA, 1996). O percentual de casamentos celebrados na Paróquia ucraniana de São Josafat, ao longo do século XX, em que ambos os noivos eram descendentes de ucranianos demonstra acentuada endogamia, sendo esta conseqüentemente um fator relevante para que a língua permanecesse viva (RAMOS, 2012).

Mas, mesmo em um contexto favorável, tanto pelo número de imigrantes instalados como pela geografia das colônias, os ucranianos tiveram problemas com as autoridades brasileiras no que diz respeito ao uso da língua. A legislação que buscava “assimilar melhor” o imigrante já causava embaraços desde o início do século XX, mas foi durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) que as línguas estrangeiras sofreram maiores reprimendas do Estado. No período estado novista (1937-1945), aquilo que havia sido ensaiado e nunca efetivamente colocado em prática passou a ser executado.

Contrariamente ao ocorrido na década de 1920, quando as leis assimilatórias não foram levadas às últimas conseqüências e tiveram pouco efeito no cotidiano das colônias, ao longo do Estado Novo a fiscalização foi intensa e o campo de intervenções ampliou-se especialmente no que diz respeito à regulamentação das práticas religiosas, fundamentais para os colonos ucranianos. A vida cotidiana dos moradores de Prudentópolis sofreu então várias interferências. A desobediência civil passou a ser a regra na cidade (GUÉRIOS, 2007, p. 218).

Nesse contexto, um alvo recorrente e amplamente atingido foram as escolas étnicas. Elas foram desmanteladas sem que o governo brasileiro oferecesse, de imediato, uma alternativa. Muitas comunidades em que a única escola era aquela mantida pelos próprios imigrantes e, portanto, com professores do próprio grupo que ministravam aulas na língua trazida da Europa, ficaram sem instrução escolar e proibidos de utilizar sua língua materna (RENK, 2009); (PARANÁ, 2008).

Mas em Prudentópolis, padres, freiras e catequistas da Igreja Ucraniana tiveram um papel relevante na resistência e no trabalho de preservação da língua, pois, além do rito, todos os materiais religiosos eram em língua ucraniana<sup>2</sup>. As freiras, Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI), durante o Estado Novo atuaram efetivamente para que a língua não fosse abandonada. Na Linha Tijuco Preto (zona rural do município de Prudentópolis), conforme apontou Lídia Zawadzki, no início da década de 1940, no auge da repressão estado novista, as ISMI ministravam aulas do idioma ucraniano ocultamente na escola após o horário de funcionamento do estabelecimento escolar (ZAWADZKI, 1998, p. 28).

A língua ucraniana em Prudentópolis, portanto, não chegou ao século XXI por acaso<sup>3</sup>. Ela aparece como um elemento de identificação entre os descendentes dos primeiros imigrantes. A análise da identidade das pessoas com essa ascendência passa necessariamente pela religião e pela língua. Podemos dizer que a conjugação dessas duas características forma aquilo que Paulo Augusto Tamanini (2017) definiu como *ucraneidade*:

Compreende-se a *ucraneidade* aquela maneira de ser que não se resume unicamente à afetação e ao deslumbramento de aspectos materialmente visíveis dos trajes *típicos*, indumentárias, enfeites, comida da etnia ucraniana. Longe de ser única e padronizada, a *ucraneidade* nesta pesquisa quer ser entendida sempre no plural; e porque entendida por uma ‘segunda natureza’, é remontada e adaptada conforme os espaços e grupos que a têm (TAMANINI, 2017, p. 28).

Para percebermos o papel atribuído ainda hoje à língua ucraniana e como esta continua sendo relevante para a *ucraneidade*, analisaremos quatro entrevistas realizadas com pessoas de ascendência ucraniana e que residem na comunidade rural de Linha Ligação. Primeiro faremos alguns apontamentos a respeito das quatro pessoas entrevistadas e da metodologia utilizada. Na sequência, a partir dos dados coletados com as fontes orais, analisamos como o uso do ucraniano se mantém na contemporaneidade em meio a permanências e abandonos. Sem esquecer que a identidade é sempre construída no contato com o *outro* (BARTH, 2011).

<sup>2</sup> A Igreja Ucraniana no Brasil pode ser dividida, grosso modo, entre católicos e ortodoxos. Em Prudentópolis não existe igreja ortodoxa, já em Curitiba existe uma Eparquia Ucraniana Ortodoxa (equivalente à uma Diocese). A respeito dessas diferenças há o trabalho de Paulo Augusto Tamanini (2017). Os imigrantes ucranianos em Prudentópolis solicitaram a vinda de sacerdotes ucranianos e no final do século XIX chegaram diretamente da Ucrânia os primeiros sacerdotes católicos pertencentes à Ordem de São Basílio Magno (OSBM); posteriormente vieram também da Ucrânia as freiras da congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI). A esse respeito ver o trabalho de Paulo Renato Guérios (2007) e Maria Luiza Andreazza (1996), entre outros.

<sup>3</sup> A intenção no artigo não é fazer uma análise linguística propriamente dita acerca do uso do ucraniano e nem das transformações/adaptações que o idioma sofreu no Brasil. Mas, alguns trabalhos acerca do tema podem ajudar o leitor a problematizar tal questão: a Tese de Marta Maria Simionato (2012) *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil*; a Tese de Marlene Maria Ogliari (1999) *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*, entre outros trabalhos.

## As fontes e a metodologia

As quatro entrevistas utilizadas foram gravadas durante a pesquisa que resultou na dissertação defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (COSTA, 2013). Os objetivos traçados durante aquela pesquisa eram diversos dos considerados nesse texto, mas as informações obtidas com as fontes orais permitem embasamento para análises sob outras perspectivas.

As entrevistas fazem parte de um conjunto maior, por isso, elas nos permitem tecer algumas generalizações. Além disso, as considerações estão fundamentadas em pesquisas que deram origem a diversas Teses e Dissertações acerca dos imigrantes ucranianos e sua cultura em Prudentópolis. A escolha das quatro pessoas está em consonância com a teoria acerca das gerações de Karl Mannheim (1993): são pessoas com uma faixa etária próxima, vivenciam um mesmo contexto rural, frequentam a mesma Igreja e, portanto, possuem experiências comuns. São fatores que nos permitem aventar que possuem representatividade para as considerações aqui expostas.

Isabel Sydorko Barhy (entrevista, 18 jan. 2013) 74 anos completos na data da entrevista, trabalhou durante vários anos como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela iniciou suas atividades pedagógicas em 1957, na região norte de Prudentópolis, mais especificamente em Linha Jaciaba, comunidade ainda mais distante da zona urbana de Prudentópolis que Linha Ligação. Se Linha Ligação fica a aproximadamente 60 km da sede municipal, Linha Jaciaba por sua vez, mais ao norte, dista cerca de 75 km distante da sede urbana.

Naquela época, quando iniciou sua atividade docente, os alunos adentravam a sala de aula, muitas vezes, sem falar uma única palavra em língua portuguesa. Todo o material pedagógico impresso, de acordo com Isabel, era escrito em português e por essa razão era preciso fazer a tradução para o ucraniano para que os alunos pudessem compreender do que se tratava. Apenas posteriormente e lentamente, os discentes começavam a aprender o português.

Isabel ressaltou que o aprendizado da língua ucraniana não se restringia ao trabalho realizado no ambiente doméstico pelos pais, sendo a comunidade e a Igreja Ucraniana fundamentais para que a socialização dos falantes dessa língua eslava ocorresse de modo satisfatório. A Igreja Católica Ucraniana, na figura de padres, catequistas e freiras, desempenhou papel relevante na aquisição tanto da língua falada como da escrita, com os caracteres cirílicos característicos do seu alfabeto. Os pais da entrevistada falavam fluentemente o ucraniano, mas não tinham condições de ensinar os

filhos a ler e escrever; esta habilidade ela aprendeu em colégio interno das freiras ucranianas no período em que foi interna.

A professora sublinhou o contraste entre ucranianos e poloneses no norte do município, ressaltando ser muito forte a presença polonesa em Linha Jaciaba, onde ela iniciou a carreira docente; já em Linha Ligação onde ela lecionou e morou a maior parte do tempo, a ascendência da maioria das pessoas é a ucraniana (Isabel Sydorko Barhy, entrevista, 18 jan. 2013).

Um exemplo da eficiência do trabalho realizado pelas catequistas ucranianas pode ser constatado na entrevista com Sofia Podogurski Hellmann (Sofia Podogurski Hellmann entrevista, 18 jan. 2013). Sendo seu pai descendente de ucranianos e mãe com ascendência polonesa, nossa entrevistada aprendeu primeiramente a língua polonesa da mãe. No entanto, quando chegou à idade de frequentar a catequese, precisou aprender o ucraniano, pois na comunidade as aulas de catecismo eram ministradas pelas catequistas da Igreja Ucraniana. Portanto, a igreja desempenhou, assim como as escolas, um papel ativo na preservação da língua trazida pelos imigrantes da Ucrânia (COSTA, 2016).

Quando ela era criança frequentou a escola na comunidade rural de Linha Herval Grande - comunidade próxima à Linha Ligação - até o terceiro ano do “primário”. Segundo Sofia, na escola da referida localidade a professora lecionava em língua portuguesa, mas no recreio, antes ou depois das aulas, as crianças conversavam a maior parte do tempo exclusivamente em língua ucraniana. A escola serviu para o aprendizado e/ou aperfeiçoamento da língua portuguesa. A entrevistada, com 60 anos na data da entrevista, lembrou que os seus filhos foram ensinados a falar o ucraniano, mas que seus netos não receberam o mesmo ensinamento e não sabem a língua dos antepassados (Sofia Podogurski Hellmann entrevista, 18 jan. 2013).

Nascido na Linha Ligação, em Prudentópolis, Teodosio Tlumaski (entrevista, 17 jan. 2013) estava com 66 anos completos na data da entrevista. Professor, trabalhou no ensino primário em Linha Herval Grande e em Linha Ligação, lecionou matemática no Colégio Estadual Imaculada Conceição. Estudou em Mallet - PR e em Ponta Grossa - PR, pois não havia na época, nas escolas da comunidade natal, o equivalente ao Ensino Médio. Estudou algum tempo em Curitiba no Seminário dos padres Basilianos e depois retornou para Prudentópolis onde iniciou sua carreira docente. Aprendeu a falar ucraniano com os pais; Teodosio fala, escreve e lê em ucraniano (Teodosio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013).

A quarta entrevista foi realizada com Genoveva Smah Vogivoda (entrevista, 17 jan. 2013), 65 anos na data da entrevista, que residia em Linha Ligação na época, mas, posteriormente, mudou-se para o perímetro urbano. O pai era descendente de poloneses



e a mãe descendente de ucranianos; ela fala, lê e escreve em ucraniano, embora a escrita não seja praticada com frequência. Genoveva contou que o aprendizado do português ocorreu a partir do momento em que passou a frequentar a escola; antes desse período nem um cumprimento/saudação em língua portuguesa sabia. Nossa entrevistada destacou a grande dificuldade enfrentada na escola por não saber o português. Os desafios dela e dos demais estudantes de sua época eram amenizadas porque a professora falava os dois idiomas, português e ucraniano, e fazia o papel de tradutora do português para o ucraniano e vice-versa, o que permitia o desempenho da função docente (Genoveva Smah Vogivoda, entrevista, 17 jan. 2013).

Após alguns apontamos acerca das pessoas e das entrevistas realizadas, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca da metodologia da História Oral: “O depoimento oral e as fontes documentais escritas se completam, embora requeiram tratamento técnico/metodológico específico” (MONTENEGRO, 2007, p. 22). No caso das fontes sobre o uso da língua ucraniana, essa metodologia é imprescindível, pois os costumes dos imigrantes sobreviveram no cotidiano e são transmitidos oralmente. A História Oral “é uma metodologia primorosa voltada à produção de fontes de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2006, p. 44). As entrevistas, portanto, possuem a mesma relevância que os documentos escritos: “A entrevista tem valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam” (ALBERTI, 2004, p.19).

Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2006) destacam ao menos três modos pelos quais as fontes orais foram/são tratadas: “A primeira advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira uma metodologia” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 12). Para as autoras: “Entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente transcende e concerne à disciplina histórica como um todo” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 8).

A pesquisa que é fundamentada a partir de fontes orais, evidentemente, possui características próprias. Mas as fontes orais não são meramente técnicas, pois o trabalho do pesquisador não se encerra na gravação, transcrição e armazenamento do material em áudio gravado (AMADO; FERREIRA, 2006). Assim como o historiador que, ao perscrutar um documento escrito, precisa estar atento às lacunas da documentação e possíveis intencionalidades de quem redigiu o documento, o autor que usa as entrevistas deve estar atento e perceber se alguma questão incomoda o entrevistado (PORTELLI, 2016).



A História Oral também não é uma disciplina, pois problemas teóricos tratados pelos historiadores que utilizam fontes orais são comuns em pesquisas que estão embasadas em outras tipologias de fontes. Dessa maneira, não podemos tentar formatar a pesquisa a partir da oralidade dentro de uma disciplina delimitada.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos do trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho –, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno do historiador oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 16).

Mas, onde buscar respostas para questões levantadas pela História Oral, se esta apenas pode suscitar questionamentos sem os resolver? Para Amado e Ferreira (2006) é a partir da teoria da história que todas as fontes devem ser observadas, inclusive as entrevistas. Destarte, o historiador que usa fontes orais terá problemas similares aos enfrentados por historiadores que trabalham com uma documentação diferente:

A interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasado e orientando o trabalho dos historiadores, aí incluídos os que trabalham com fontes orais. Exatamente o mesmo ocorre com outras metodologias: a demografia histórica, por exemplo, está apta a elaborar tabelas e séries relativas às populações, construir metodologias de trabalho para esse material e formular questões importantes sobre tais dados, mas deve procurar fora dela própria – na teoria – subsídios para compreender as questões que suscita (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 17).

Portanto, a metodologia da História Oral nesse texto é fundamental para a análise da importância atribuída à língua ucraniana em Prudentópolis. Com as entrevistas será possível, na sequência, tecer considerações acerca da utilização do ucraniano no cotidiano. Também se poderá perceber possíveis fatores responsáveis pela sua perpetuação, assim como possíveis fatores responsáveis pela diminuição do uso no dia a dia dos descendentes dos imigrantes ucranianos ao longo do século XX.

### **Permanências e abandono da língua ucraniana em Prudentópolis**

Nas entrevistas as pessoas destacaram que a língua ucraniana, em meados do século XX, era quase exclusiva nas comunidades pelo interior do município de

Prudentópolis (as exceções eram os lugares em que havia imigrantes poloneses). Em razão dessa quase unanimidade do ucraniano, as dificuldades no contato com a língua portuguesa eram grandes, pois a língua nacional era praticamente desconhecida para muitos, mesmo após décadas da chegada e instalação dos imigrantes ucranianos em solo brasileiro.

Quando as pessoas entrevistadas nasceram, décadas de 1930 (uma pessoa), 1940 (duas pessoas) e década de 1950 (uma pessoa), a ocasião de ir pela primeira vez à escola era um momento em que uma realidade desconhecida era descortinada para muitas crianças. A língua portuguesa, ininteligível para elas, passaria a ser usada de maneira obrigatória.

Isabel nasceu em 1938, no auge da política de repressão do Estado Novo às línguas estrangeiras. No Paraná, na década de 1920, conforme apontado anteriormente, já havia pressões para que a língua portuguesa fosse exclusiva nas escolas étnicas (RENK, 2009, p. 100); (PARANÁ, 2008). Mas, como o governo paranaense não oferecia uma alternativa para tais estabelecimentos, não houve efetivamente o fechamento de escolas ou a fiscalização e punição caso as determinações não fossem cumpridas. Porém, com a instauração do Estado Novo houve intolerância governamental em diferentes aspectos, entre elas a do campo educacional foi significativa (RENK, 2009, p. 147).

Em 1957, quando Isabel passou a lecionar em Linha Jaciaba e, depois, em Linha Ligação, era quase impossível uma professora que não fosse bilíngue conseguir desenvolver um trabalho adequado. Na entrevista foi perguntado a ela sobre a língua mais utilizada nas aulas e na resposta fica evidente que a comunicação com os estudantes exigia da professora o domínio das duas línguas: “Quase só ucraniano, ainda tinha que dar aula e traduzir pra eles... sabe? Meio explicar em ucraniano pra eles entender. Eles conversavam mais só em ucraniano” (Isabel Sydorko Barhy, entrevista, 18 jan. 2013).

Genoveva contou que a sua língua materna era o ucraniano e que em casa apenas esse idioma era utilizado, somente na idade escolar é que o português precisou ser aprendido:

Primeiro ucraniano, português nós não sabia dizer nem bom dia. Se nós encontrava uma pessoa... eles [pais e pessoas adultas] falavam ‘não conversem’ porque... Assustavam ainda, daí nós tinha tanto medo, tanto... Daí aprendia na escola, com as amigas. Foi muito difícil. Pra nós entende em português era difícil, nós não sabia dizer nem bom dia pra outro, nem cumprimentar, mais era tão pesado (Genoveva Smah Vogivoda, entrevista, 17 jan. 2013).

Genoveva nasceu em 1947 e possivelmente estudou em meados da década de 1950. Portanto, ela passou a frequentar a escola praticamente no mesmo período em que Isabel iniciou sua carreira na região. Assim, as informações obtidas com a entrevista de Genoveva corroboram àquelas obtidas na conversa com Isabel, ou seja, a maioria das crianças naquele período não conhecia o português e era necessário que a professora falasse ucraniano para lhes ensinar. Uma docente monolíngue não conseguiria desempenhar suas funções de modo satisfatório com todos os alunos.

A narrativa de Sofia coaduna com o observado nas falas das entrevistadas citadas acima:

A professora dava aulas em português. Mas nós, entre nós, nós crianças ou no recreio era tudo ucraniano. Depois a gente conforme foi estudando, foi aprendendo melhor né. Daí claro que daí a gente já achava bonito falar o português né, daí foi aprendendo e falando o português mais claro, um pouco melhor. Mas entre nós nossa! Era tudo ucraniano (Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013).

A entrevista de Sofia não apenas confirma o que foi exposto acima como toca na questão da liberdade que os descendentes de ucranianos tinham em falar a língua materna: “*Na época não era proibido né, podia falar e até hoje não é graças a Deus. Porque existem as aulas ucranianas*” (Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013, grifo nosso). Ela nasceu em 1952 e provavelmente frequentou a escola no final da década de 1950 e/ou início da década de 1960. Naquele período não existiam mais as restrições às línguas estrangeiras conforme haviam existido no Governo Vargas. Mas, a menção que a entrevistada faz à inexistência de proibição à língua ucraniana pode estar ligada ao que ela ouviu dos pais e de pessoas mais velhas, pois a atuação do Estado causou diversos constrangimentos na comunidade imigrante de diferentes origens.

Teodosio também destacou o aprendizado da língua portuguesa na escola, destacando que no ambiente doméstico predominava o uso quase exclusivo da língua ucraniana: “Ali em casa a mãe, o pai, o meu irmão, minha irmã já eram mais velhos falava só em ucraniano, até na escola. Nós ia pra aula, a gente aprendia o português né, leitura, escrita tudo, mas falava o ucraniano” (Teodósio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013). Ele rememorou que quando iniciou a vida escolar, poucos colegas falavam a língua portuguesa de modo fluente: “Português não falavam. Era ucraniano. As orações, tudo faziam antes da aula em ucraniano” (Teodósio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013). Teodosio nasceu em 1946 e provavelmente começou a estudar na escola primária na

década de 1950, ou seja, suas reminiscências estão em consonância com as falas obtidas nas entrevistas citadas anteriormente.

O bilinguismo na década de 1920 e também durante o Estado Novo era uma tática usada pelas escolas étnicas frente à proibição do uso da língua (RENK, 2009, p. 104). Nas décadas em que as pessoas aqui entrevistadas estavam em idade escolar essa prática já não era utilizada em função das proibições varguistas. O bilinguismo na região de Linha Ligação, e em Prudentópolis de modo geral nessa época, era uma necessidade social. Além disso, a legislação restritiva do Estado Novo não logrou êxito em extinguir o uso de idiomas dos grupos imigrantes.

O uso da língua ucraniana foi, durante todo o século XX, incentivado pela Igreja. O entrevistado, Teodosio Tlumaski (entrevista, 17 jan. 2013), ressaltou que a língua ucraniana na escola, além das conversas entre os estudantes, era utilizada nas orações que antecediam o início das atividades pedagógicas. Portanto, as informações nos remetem à importância da Igreja Ucraniana no processo de manutenção da língua e, de modo geral, para que a cultura dos imigrantes ucranianos fosse de algum modo vivenciada no Brasil.

A presença dos padres da OSBM na criação de escolas em Prudentópolis foi significativa. De acordo com Natália Treuk (1999, p. 8), mais de 40 estabelecimentos na década de 1940 haviam sido fundados por tais sacerdotes. Júlia Bernadete Hauresko (1999, p. 10) resalta que os padres exigiam que os pais mandassem seus filhos à escola, demonstrando que escola e a Igreja tiveram papel relevante para que os descendentes de ucranianos continuassem no uso da língua dos seus ancestrais (COSTA, 2016).

A importância da Igreja Ucraniana Greco Católica de Rito Bizantino é marcada pela presença dos padres OSBM, pelas freiras ISMI e pelas catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ). Guérios destacou que os imigrantes solicitaram a presença de sacerdotes vindos da Ucrânia e a recepção aos religiosos foi calorosa (GUÉRIOS, 2009, p. 145). A atuação dos padres vindos diretamente da Europa não foi exclusiva em Prudentópolis: em Antonio Olinto o padre João Michalczuk organizou e interferiu na formação da colônia e na vida privada dos moradores (ANDREAZZA, 1996).

Os entrevistados, direta ou indiretamente, apontam a Igreja Ucraniana como sendo imprescindível no processo de manutenção da língua ucraniana na comunidade de Linha Ligação. Sofia, cujo pai tinha ascendência ucraniana e mãe ascendência polonesa, aprendeu a língua materna da mãe e, posteriormente, a língua ucraniana no catecismo:

Falava, falava, até inclusive ela ensinou a gente a rezar tudo em polonês, porque o papai trabalhava fora então ele disse pra ela assim “é melhor você ensinar porque você sempre tá com eles e eu não posso, se eu começar a ensinar numa língua e você na outra eles não vão aprender nenhuma”, então a mamãe ensinou nós tudo em polonês. Quando a gente passou pra catequese a gente teve que muda tudo pro ucraniano, porque não tinha catequese em polonês né, era ucraniano. Então dali da catequese a gente aprendeu, aprendeu tudo e até hoje não esqueceu mais né. Mas a mamãe falava o ucraniano também, a mamãe falava as duas línguas (Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013).

As catequistas (ISCSCJ), nesse caso, foram fundamentais no ensino da língua ucraniana, pois junto com o catecismo elas ministravam aulas de língua e a entrevista de Sofia demonstra esse papel da Igreja. Genoveva destacou também as catequistas no processo de ensino do ucraniano.

Esse ano ele... foi muito bonito a língua ucraniana aqui, eles... como eles foram bonito final do ano assim, eles tão num grupinho grandinho assim... e na catequese também aqui, voltou bastante... eles tem os pais tem reunião assim direto vem na catequese então tá muito mais han... mais, se pegaram muito mais bem do que tava. Porque uns tempo já tava muito pouco, agora já tá voltando bastante (Genoveva Smah Vogivoda, entrevista, 17 jan. 2013).<sup>4</sup>

Isabel ressaltou que seus pais falavam fluentemente o ucraniano, mas não dominavam a escrita com o alfabeto cirílico. Ela, além da oralidade, aprendeu a ler e escrever no colégio interno dirigido pelas freiras ucranianas. Ensinou os filhos a falar a língua ucraniana e fez questão de destacar a ação das catequistas nesse processo: “Foi ensinado, um pouco em casa, mas também tinha catequese junto com língua ucraniana. Na catequese as catequistas davam língua ucraniana, daí aprenderam” (Isabel Sydorko Barhy, entrevista, 18 jan. 2013).

As quatro entrevistas permitiram vislumbrar que a língua ucraniana continua sendo parte da realidade cotidiana de boa parte de quem possui ascendência ucraniana em Prudentópolis. Porém, elas também apontam para a crescente diminuição do seu uso ao longo das últimas décadas.

Os filhos de Sofia aprenderam a língua ucraniana, mas não transmitiram o conhecimento aos seus próprios filhos:

Lourenço: - Os filhos da senhora, a senhora ensinou o ucraniano? Eles falam, eles usam, como que é o uso deles?

Sofia: - Olha, eu ensinei todos eles falar, rezar em ucraniano. Até hoje eles falam, eles não esqueceram e acredito que nunca mais vão esquecer né. Só que os filhos deles já não falam o ucraniano né. Porque acho que é falha dos pais

<sup>4</sup> A entrevista foi realizada em janeiro de 2013, portanto ela está se referindo ao grupo de catequese do ano anterior, 2012.

mesmo de ensinar porque acho que quanto mais línguas souber é melhor pra eles né.

Lourenço: - Então no caso os netos da senhora dá pra dizer que... ?

Sofia: - Que não são mais ucranianos (risos) (Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013).

A conclusão de Sofia ao questionamento sobre a língua é que os netos já não são mais ucranianos por não falarem o ucraniano. A postura da entrevistada demonstra que falar o idioma herdado dos ancestrais está intimamente ligado à *ucraneidade*, conforme definição da expressão sistematizada por Tamanini (2017). Para Sofia, ser ucraniano significa obrigatoriamente falar a língua. Ela destacou, com certo pesar, que os mais jovens não enxergam o quão relevante a questão é:

Olha sinceramente a gente até fica sentido com isso né porque os jovens eles não, não tão cultivando nossa língua ucraniana. Não sei o porquê se eles não se interessam, o que né. A gente percebe que aquilo já tá se perdendo e muito... porque você pode perceber que você escuta mais o ucraniano com as pessoas mais, assim de mais idade. Os jovens não. De vez em quando algum diz lá uma palavra. Eu não sei... eu acho que, não sei se eles tem vergonha ou acredito eu que eles ficam com medo de não errar, porque eles não aprenderam. Alguma palavra lá que eles aprenderam né, então eu acho que é isso o português pra eles é melhor né então tá cada vez, tá se perdendo né. Eu não... não que eu queira ser daquelas ucranianas rígidas mas acredito eu que devia ser cultivado, por causa que as pessoas não só nascem, crescem e morrem aqui igual os antigos. Agora as pessoas são desenvolvidas né, elas vão pra frente e todo lugar que você vai eu acredito que exista pessoas ucranianas. Então na minha opinião eles deveriam dar valor pra essa língua né, porque assim como inglês como outras línguas tem valor a nossa também acho que tem né e quantas línguas mais puder falar né a gente sempre escutou que é melhor. Então acredito eu que eles deveriam se interessar e não deixar se perder né (Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013).

Outro entrevistado, Teodosio, também mencionou a diminuição do uso da língua ucraniana citada por Sofia. Ele lembrou que essa situação é visível na comunidade: “Tá diminuindo. Inclusive às vezes o pai é descendente de ucranianos e a mãe também é e pra criança falam em português já desde pequeno aí a criança... os pais falando entre eles em ucraniano e ela escuta e aprende um pouco né acaba entendendo” (Teodosio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013).

Levantada a hipótese se a diminuição do uso da língua pode estar ligada à falta de tempo dos pais em ensinar, Teodosio discordou: “Eu acho que não é falta de tempo eu acho que é outra cultura sei lá, daí já acostumaram assim que... agora todo mundo faz isso... fala em português pras criança” (Teodosio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013). O entrevistado lembrou-se do papel da Igreja Ucraniana, mas ao mesmo tempo disse que hoje os jovens repetem orações sem compreenderem realmente o que dizem: “Eles rezam. Agora se eles entendem ali o que eles estão... eu não sei. Nem tudo eles entendem,

eles aprenderam a pronúncia né, mas se eles sabem o que ele fala não sei” (Teodosio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013).

Genoveva também lembrou que a língua não é mais usada como *antigamente* e fez comparação entre o modo como ela foi educada, a maneira como ela educou os filhos e como os netos foram educados. Ela, assim como Sofia, ensinou aos filhos, desde pequenos, concomitantemente o ucraniano e o português, porém os netos aprenderam apenas a língua portuguesa.

Eu acho que não é [por falta de tempo] eu acho que agora eles vão na escola e voltam e não é... eles têm... dá pra de ensinar e da... acho que falta um pouquinho só de esforço. Agora eles mais tarde eles sozinho vão... porque tem um neto filho do Áudio ele tem muito interesse de ucraniano e esse da Juliana os dois eles tem interesse (Genoveva Smah Vogivoda, entrevista, 17 jan. 2013).

Portanto, o que podemos concluir com as entrevistas, bem como nas conversas antes de ligar e depois de desligar o gravador, é que a língua ucraniana ainda é usada em Linha Ligação, município de Prudentópolis, sobretudo por pessoas mais velhas, sendo um símbolo de identificação, da *ucraneidade*. Entretanto os entrevistados reconhecem que os mais jovens não demonstram o mesmo apego à língua dos ascendentes.

### Considerações finais

As entrevistas com Isabel, Genoveva, Sofia e Teodosio, utilizadas para a grafia desse texto, possibilitaram perceber que ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI o uso da língua ucraniana em Linha Ligação diminuiu sensivelmente. Mas, que ainda é encarado como parte da identidade dos descendentes dos imigrantes ucranianos (COSTA, 2018).

A Igreja Ucraniana foi apontada, de forma direta e indireta, por todos os entrevistados como instituição promotora da preservação da cultura, das tradições e conseqüentemente da língua ucraniana. No entanto, o declínio do uso do ucraniano entre os jovens, destacado nas conversas, atinge também a Igreja. Até a década de 1990, a liturgia da Igreja Ucraniana de Rito Oriental se dava exclusivamente em língua ucraniana; a partir daí a Igreja precisou adaptar as celebrações de acordo com o idioma dominado pelos fiéis e os debates em torno da tradução da liturgia se intensificaram.

O dilema vivido pela Igreja entre manter exclusivamente a língua ucraniana em nome da tradição ou traduzir para o português para não perder os fiéis é uma constata (SKAVRONSKI, 2015). A dificuldade enfrentada pela instituição, vai ao encontro de



algumas ponderações dos entrevistados de que muitos jovens vão nas celebrações litúrgicas e recitam orações aprendidas quando crianças, mas sem compreender literalmente o que rezam.

O aumento dos casamentos interétnicos, o fim das escolas construídas pelo grupo imigrante, o maior acesso aos meios de comunicação de massa em língua portuguesa (rádio e televisão), isso tudo foi alterando o cenário na segunda metade do século XX. Esse quadro contribuiu para que a língua ucraniana fosse relegada pelas gerações mais novas. Não podemos afirmar de modo taxativo que os mais jovens não dão valor ao idioma dos antepassados, mas diante é possível afirmar que domínio é visível.

Mas, entre permanências, abandonos e ressignificações, falar a língua ucraniana continua sendo parte da identidade dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, a identificação de quem é “ucraniano” e quem não é continua, em parte ao menos, sendo feita a partir da língua.

## Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos & abusos da história oral*. 8º Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

COSTA, Lourenço Resende da. *Manifestações de Poder e Identidade em torno da língua ucraniana em Prudentópolis*. Irati, 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati - PR, 2013.

COSTA, Lourenço Resende da. O papel da escola e da Igreja na preservação da língua ucraniana em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). *Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná*. São Leopoldo: OIKOS, 2016. p. 49-67.

COSTA, Lourenço Resende da. Identidade e Cultura: O Uso da Língua Ucraniana em Prudentópolis – PR. In: COSTA, Lourenço Resende da; SILVA, José Junio da; KOSS, Lucimara (Orgs). *Fragmentos de identidade e cultura*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2018. p. 295-319.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Rio de Janeiro, 2007. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HAURESKO, Cecilia et ali. *Paisagens de Prudentópolis: patrimônio natural, cultural e religioso no interior do Paraná*. Guarapuava: UNICENTRO, 2015.

HAURESKO, Júlia Bernadete. *Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná*. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], *REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, nº. 62, abr/jun 1993, pp. 193-242.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

OGLIARI, Marlene Maria. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*. Florianópolis, 1999. 536 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna*. 2008.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. [Trad. Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, Odinei Fabiano. *Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)*. Franca, 2012. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012.

RENK, Valquíria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. Curitiba, 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SIMIONATO, Marta Maria. *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil*. Florianópolis, 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. *Rezar e Benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)*. Ponta Grossa, 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

\_\_\_\_\_. Entre a tradição e a modernidade: as traduções rituais e as tensões da identidade étnica entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis-PR. *In: Il*

*Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO: produção e circulação do conhecimento histórico no século XXI.* Ponta Grossa, 2015.

TAMANINI, Paulo Augusto. *A prece ucraniana na prensa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960.* Curitiba: CRV, 2017.

TREUK, Natália. *Língua ucraniana é ainda realidade em Jesuíno Marcondes.* Irati-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).

ZAWADZKI, Lidia. *O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto.* Irati: UNICENTRO, 1998. (Monografia de Especialização).

### Fontes orais

Genoveva Smah Vogivoda, entrevista, 17 jan. 2013.

Isabel Sydorko Barhy, entrevista, 18 jan. 2013.

Sofia Podogurski Hellmann, entrevista, 18 jan. 2013.

Teodosio Tlumaski, entrevista, 17 jan. 2013.